

# PUC

Mural Semanal da APROPUC e AFAPUC  
Número 1 - 02/8/93

# Viva Viva Viva

## Editorial

# Surge um novo jornal

A APROPUC e a AFAPUC apresentam neste momento a toda a universidade o jornal-mural PUC-Viva. Ele é fruto da iniciativa das duas entidades, preocupadas em viabilizar um instrumento de comunicação ágil, acessível e amplo. Sua característica fundamental é ser comunitário, como, acreditamos, apenas um jornal das entidades pode ser verdadeiramente. Isso porque a história das entidades na PUC tem sido marcada pela construção e preservação de um espaço representativo de professores e funcionários, democrático e independente.

Sendo, como pretendemos, verdadeiramente comunitário, tem como objetivo integrar-se a toda universidade, transformando-se num veículo de todos, alunos, funcionários e professores.

Embora seja de iniciativa e responsabilidade da APROPUC e da AFAPUC, não é um jornal sindical, no sentido mais restrito. Sua proposta é ser um veículo de acompanhamento interno da PUC, com

suas questões cotidianas e permanentes, amplas e específicas, contribuindo, dessa forma, para o debate na universidade.

Nesse sentido, propõe-se a ser um espaço aberto a todos os interessados em participar da análise e dis-

todos os que têm algo a dizer, no sentido da construção da universidade que queremos.

A construção dessa universidade ainda é um grande sonho, uma grande vontade, desdobrada ou representada por inúmeros projetos e visões de universidade e de mundo. Acreditamos que o amplo debate deles é o caminho para chegarmos aquilo que temos proposto, enquanto conjunto de pessoas que a vivem pelo trabalho e/ou estudo, e que transformou essa prática em palavra de ordem na última greve. Assim, o jornal-mural PUC-Viva pretende ser um dos elementos, que se somará a outros, na luta por uma universidade grande, autônoma, de qualidade, pluralista e democrática. Nosso jornal é semanal e tem sua sede na sala 9 do corredor da Cardoso, que pode ser procurada por todos os interessados em contribuir.

A APROPUC e a AFAPUC festejam este primeiro número, pelo que representa. Esperamos poder festejar, com a comunidade, muito mais,



Capa do primeiro PUC viva, lançado em novembro de 92.

cussão das questões educacionais, dos rumos da universidade, dos projetos para a PUC-SP, dos impasses que vivemos, das relações estruturais, das questões acadêmicas, dos problemas de espaço e convivência, dos problemas comuns aos três segmentos ou específico de um deles, enfim, aberto a

**RUBÃO**

**F**igurinha carimbada

## ...E o coral engambelou a polícia de Erasmo Dias

O Rubão é do tempo em que a avenida Sumaré era um riacho transparente. Do tempo que existia um pomar de jaboticabeiras perfumadas no local onde hoje está o Tuca, e um campo de futebol onde agora é o prédio novo. Rubens Padilha, 61 anos, atende no guichê da secretaria do Direito e há 43 anos trabalha na PUC com uma dedicação incomum. Nas férias, ele era visto zanzando pelos corredores, como que conferindo se tudo estava no lugar. Tomava sol, lia, conversava com um e outro e só no final da tarde voltava para casa alegre. "Gosto daqui como do ar que respiro", explica. Alguns alunos e professores, que já descobriram em Rubão o bom contador de histórias, o procuram frequentemente. Ele não se faz de rogado. Estica o olhar para o horizonte e puxa pela memória.

### Anos de chumbo

Um caso leva a outro. Nestes anos todos, ele pode acompanhar as mudanças de uma ótica privilegiada. O que o impressiona bastante na PUC hoje é a alegria e vivacidade dos alunos. "Há trinta anos a universidade era mais sisuda. Os estudantes vinham para as aulas vestindo ternos e gravatas", lembra. "Os professores eram inatingíveis em suas cátedras". A partir da década de 60, o número de alunos aumentou sensivelmente.

"Muito mais pessoas passaram a ter acesso ao ensino e eram estudantes cada vez mais jovens e inquietos", recorda-se. Um capítulo a parte na arqueologia afetiva de Rubão está reservado para os episódios políticos que ocorreram a partir do golpe de 64.



Os estudantes inconformados com a ditadura foram à luta. A PUC tomou-se palco de reuniões e assembleias acaloradas. Foi invadida inúmeras vezes pela cavalaria e tropa de choque, com seus cachorros treinados para o ataque. Rubão ainda se lembra de José Dirceu,

na época estudante de Direito e líder inflamado.

"Em 1968, Zé Dirceu foi preso no congresso da UNE em Ibiúna". Os órgãos de informação não davam sossego aos funcionários nas secretarias. Queriam a ficha dos líderes. Muitas vezes, Rubão fugiu para não entregar ninguém e enfrentou a polícia que descia o cacete em todo mundo. No cerco do coronel Erasmo Dias, ele presenciou fugas mirabolantes. Lembra-se de líderes que se misturaram ao coral da PUC que ensaiava numa sala, e conseguiram enganar a polícia. Rubão é uma espécie de arquivo vivo da história da universidade. Atento e perspicaz, ele continua colecionando casos do cotidiano. Qualquer uma das pessoas que convive com Rubão, pode se transformar em personagem das histórias que ele conta com muito humor e propriedade.

AGENDA

O Núcleo de Estudos da Mulher e o Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC promovem, de 9 a 12 de agosto, o seminário *A Mulher na Sociedade Francesa do Século XIX*, com o professor Jean Pierre Blay, da Universidade Paris III. O curso será ministrado em português na sala 134 do prédio novo. Inscrições a partir de 2 de agosto na sala S-20 no prédio velho, das 14h às 17h. Maiores informações pelo ramal 336.

O poeta italiano Enzo Minarelli apresenta o espetáculo *Polipoesia*, no Tuquinho dia 17 de agosto, 20 h. O performático Minarelli foi convidado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e estará este semestre, junto com o professor Philadelpho Menezes, dando um curso prático de poesia sonora. Apoio da Fundação Cultural São Paulo e Instituto Italiano di Cultura. Grátis.

A Vice-Reitoria Comunitária convida a todos para a manifestação de repúdio à chacina dos meninos da Candelária, dia 9 de agosto, no TUCA, 19 horas. Entre os participantes estão o repórter de polícia Caco Barcelos, da TV Globo, o jornalista Gilberto Dimenstein, da Folha de São Paulo e a professora e vereadora Aldaiza Spozatti.

O Comitê Contra a Miséria e a Fome da PUC reúne-se toda segunda-feira na sala Joel Martins, antiga P-65, e está programando para o dia 23 de agosto uma grande manifestação, o *Ato Contra a Fome*, no Tuca. Entre os convidados estão Lula que já confirmou a presença e Hebert de Souza, o Betinho. Os interessados em participar dos debates e do Comitê devem procurar Joselito nos ramais 203 ou 213.

Defesas de teses da semana: \* Eliana Borba Cataruzi, mestrado em matemática: *Considerações sobre a Ordem na Geometria*, dia 4 de agosto, 14h, no campus da Marquês de Paranaguá. \* Maria Luiza G. da Silva Mancini, mestrado em matemática, Espaço de Banach X Contendo Subespaço Isomorfo a  $CO(N)$ , 4 de agosto, 16 h, no campus da marquês de Paranaguá.

## Berço esplêndido

# Como sacudir o marasmo e dar a volta por cima

Começam as aulas e o clima de expectativa espalha-se pela universidade. Existe uma sensação generalizada de que o marasmo que dominou o primeiro semestre não vai se esticar pelo segundo. Isto porque a aparente calma encobre uma série de problemas que foram apenas empurrados, adiados. O resultado disso se traduziu em desânimo e estagnação. Na visão da professora Tereza Maria Sério, a Téia, da Psicologia, a apatia é uma reação que está ocorrendo também em outros movimentos. Isto, porque no ano passado a sociedade civil envolveu-se em um conjunto de lutas que teve pequenos ganhos ou mesmo ausência total de ganhos, como é o caso do movimento Fora Collor. "Tirou-se um presidente do poder, mas nada mudou, foi decepcionante", avalia a professora.

Na universidade existem muitas coisas a serem reconquistadas. "Da qualidade do ensino à qualidade do salário", enfatiza Téia. Ela acredita que hoje há mais que cansa-

ço. "As pessoas estão acuada num canto, mas isso tem um limite". A sua expectativa é de que já em outubro, bem antes do dissídio, que acontece em maio, vai explodir a questão salarial dos professores. A essas alturas chegou-se ao pico da miséria e ninguém tem muito o que perder. "Vai ser uma luta de desespero, pois a insatisfação de alunos e professores terá chegado no seu ponto extremo". A calma aparente dentro da PUC foi também uma espécie de tregua para a nova reitoria. Como toda mudança acarreta uma esperança, a comunidade pagou prá ver o que ela tinha a apresentar. Deu no que deu. Marasmo e desmobilização. "Nesse semestre teremos que retomar a organização que nos trouxe pequenas vitórias.", conclui Téia.

### Encontros e festas

O que vem pela frente é o jogo duro. O amistoso acabou e a PUC vai se sacudir com um movimento que pode começar aos trancos e barrancos, mas é preferível à apatia. Salários e mensalidades são as questões prontinhas para explodir. "Elas vão acabar com esse Itamarasmo que

contagiou a PUC", analisa Eduardo Viveiros, assistente acadêmico do Centro de Humanas. "A universidade é uma caixa de ressonância do que acontece lá fora, mas aqui tradicionalmente depois da calma vem a tempestade". Viveiros acredita que cabe às associações descobrir o caminho para a mobilização. "Está faltando convivência universitária, é preciso promover encontros para discussões políticas, festas e outros eventos", sugere Viveiros.

### A volta da UEE

O estudante Marcelo Barbão, da Faculdade de Comunicações, analisa que o semestre passado foi um reflexo da greve de 93. "Fizemos acordos no sufoco e por isso ficou todo mundo com o pé atrás". Marcelo acredita, contudo, que a PUC não vai continuar como eterno gigante adormecido. "Em setembro, dia 7, acontece em Campinas o congresso para refundar a UEE. Além disso, precisamos cobrar da UNE a organização para propostas nacionais como o Dia Nacional de Luta marcado para 11 de agosto", alerta o estudante.



## Os efeitos colaterais

A administração da PUC pensa que encontrou uma alternativa mágica para resolver seus problemas. Há três anos vem implantando a terceirização de alguns de seus serviços como limpeza, contabilidade e segurança. Para a próxima quinta-feira está marcada uma reunião que dá início ao processo de terceirização dos office-boys e mensageiros. A medida é polêmica. Até agora pelo menos 120 funcionários foram para o olho da rua e a associação que os representa não é chamada a participar das reuniões decisivas. Os 1.200 contratados da PUC sentem-se ameaçados. "Depois dos boys serão os digitadores", constata Anselmo Antonio da Silva, presidente da Afapuc. São mais de doze boys e uma centena de digitadores com o facão no pescoço num momento crítico. Encontrar outro trabalho só com muita sorte e reza brava pois o batalhão de desempregados engrossa a cada dia e poucos conseguem alguma coisa antes de amargar um ano.

### Sem milagres

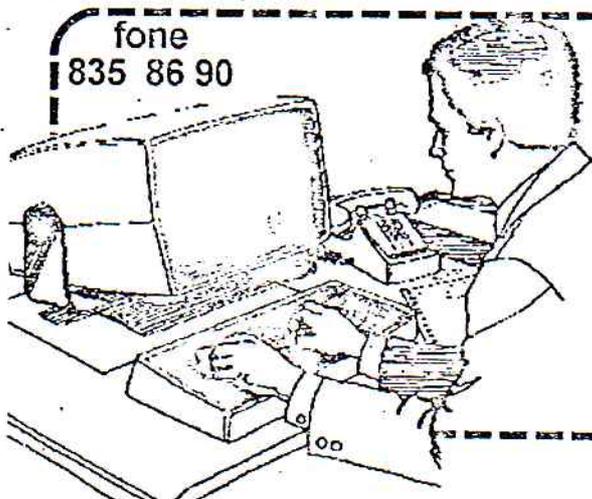
Os trabalhadores que executam as funções dos demitidos não têm qual-

quer vínculo com a PUC e muito menos os mesmos direitos que os contratados. "Eles são obrigados a fazer horas extras, e senão podem, são ameaçados de demissão, não têm direito a atrasos e além disso os salários que recebem são muito mais baixos do que os dos contratados da PUC, em alguns casos, em até 50%, conta Anselmo.

### Ganhando fôlego

Quando todos os funcionários, professores e estudantes entrarem em greve, uma possibilidade para este semestre, esses funcionários não vão participar. Seus patrões são outros, eles não têm nada a ver com a comunidade universitária. A faculdade vai pelo menos manter as aparências garantindo a segurança e a limpeza e ganhando fôlego para não negociar. Como se vê a terceirização não parece boa coisa para a comunidade universitária. Passando ao largo do drama dos demitidos, muita gente defende o sistema que vem sendo adotado em muitas grandes empresas: "Virou moda e muita gente pensa que a simples palavra terceirização tem o poder de apresentar soluções para

tudo, mas o sistema não faz milagres", adverte o professor Ladislau Dowbor da pós-graduação em Administração e Economia. Na sua opinião o sistema vale a pena na PUC, pois reduzindo sua sobrecarga administrativa a escola poderia melhorar e tornar seus serviços mais eficientes concentrando-se na sua atividade principal. "O objetivo é a qualidade", entusiasma-se o professor. Dowbor, contudo, vê como alternativa, que os funcionários sejam reaproveitados em outros departamentos da universidade. A terceirização na PUC, de qualquer maneira, não pode ser implantada da mesma forma que é numa fábrica de sabonete ou de salsicha. A vida da comunidade universitária tem uma dinâmica muito particular que precisa ser levada em conta, ou se corre o risco de se ver o remédio intoxicando o paciente. A Afapuc tem que participar, com poder de voto, em processo tão importante.



fone  
835 86 90

### OH WOW Computer Design

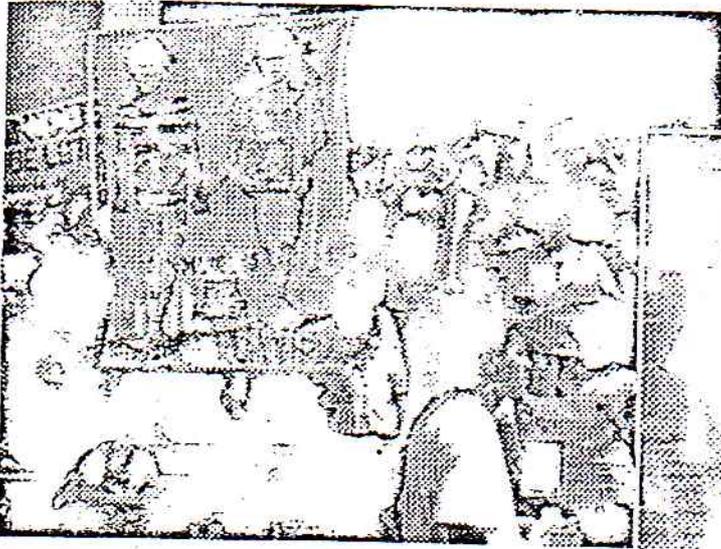
- Apostilas
- Transparências
- Currículos
- Materiais de apresentação
- Teses
- Formulários
- Folhetos
- Ilustrações
- Material de Treinamento

# 42,6%

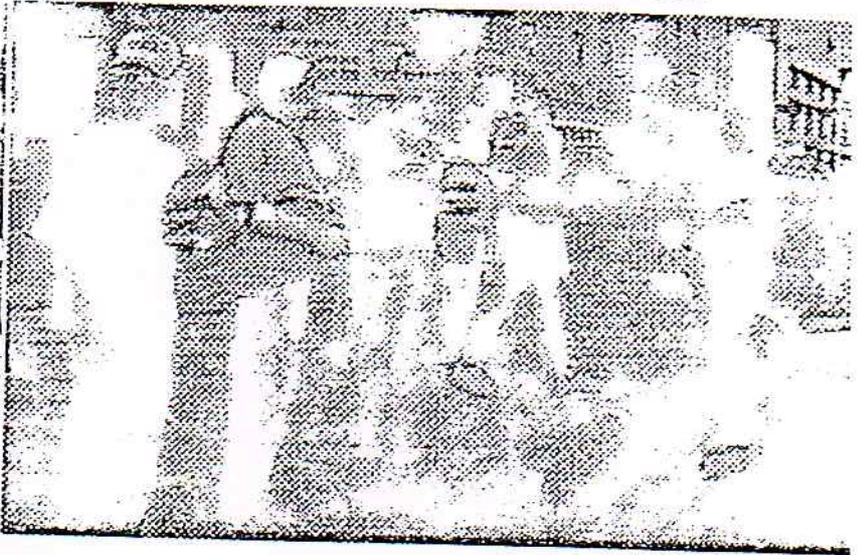
Este é o valor dos juros pagos toda vez que você tem que recorrer aos cheques especiais... só porque a PUC atrasa seu salário... e quando paga, paga bem pouquinho...



## Meninos de rua



Nas fotos do arquivo do Núcleo, manifestação na praça da Sé contra extermínio de crianças e menores na Senador Queiroz



**A** repercussão do massacre da Candelária não inibiu os assassinos de crianças. Pelo contrário. Eles estão mais atrevidos, com a certeza de impunidade que o sistema lhes garante. Na quarta-feira passada, a PUC teve uma prova dessa ousadia. A professora Maria Stela Graciani que faz um trabalho fantástico com menores de rua dentro do Núcleo de Trabalhos Comunitários, fundado na PUC há 15 anos, recebeu quatro telefonemas em sua casa com ameaças de morte. Os estudantes Rosângela Chaves que trabalha com crianças vendedoras de chicletes na rua Senador Queiroz e Petrônio Souza, coordenador da peça *Se Essa Rua Fosse Minha*, também foram alvos desse mesmo tipo de intimidação. Algumas vezes, o homem que ameaçava indentificou-se como Carlos. "Vamos matar vocês se continuarem com crianças de rua", disse. Diante de situação tão grave, imediatamente a universidade se mobilizou reagindo com firmeza. Na

sexta-feira, uma reunião juntou cerca de 300 pessoas, representantes de 60 entidades da PUC e da sociedade civil em geral, para prestar solidariedade, e iniciar um movimento de vigília permanente na defesa dos direitos humanos.

### Repúdio à violência

Estavam presentes na reunião, entre outros, Vicente Paulo da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, Luiz Eduardo Greenhalgh, do Partido dos Trabalhadores, e o padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Menor do Belém, que também vem recebendo seguidos telefonemas ameaçadores. "São pessoas que concordam com o massacre da Candelária, mas não nos metem medo, nosso trabalho continua mais vigoroso", declara Stela Graciani. Está marcado para a próxima terça-feira, dia 9, 19h, no Tuca,

o ato *Impunidade e Violência*, de repúdio ao massacre da Candelária. A presença de alunos, professores e funcionários é uma forma de mostrar aos grupos de extermínio governamentais ou não, que a PUC vai continuar seu trabalho e não se intimida diante de covardes. O Núcleo de Trabalhos Comunitários, com oito programas com crianças carentes, é uma das iniciativas mais interessantes e importantes do país. Graças a ele, meninos como Marcelo de Souza e Fábio Januário trocaram o perigo da rua pelo trabalho e estudo. Eles agora ajudam a construir cenários no Tuca. Têm salário e escola, discutem seus problemas e tornaram-se cidadãos.

**Não, às ameaças.**  
**Stela fica ao lado das crianças**

